A arte é perpetuar a vida

Dom. 18/12/88

— afirma o jovem pintor Palmeirim Makaúze

EXIBIU-SE há dias uma exposição de artes plásticas paisagística alusiva à passagem dos 260 anos da cidade de Inhambane, cujas celebrações oficiais estão previstas para os meados de Dezembro corrente. Esta mostra, constituída por dezassete títulos, retratando diferentes facetas d fantasia da nossa floresta, sobretudo das planícies de Inhambane onde o jovem artista, Palmeirim de Jesus Macaúze, de 27 anos de idade diz ter visto a primeira noçãa de cores e da estética particular da paisagem esteve patente nas instalações da sede da Organização Nacional dos Jornalistas (ONJ), em Maputo. É lá onde se desenrola a conversa que de uma maneira resumida, «Domingo» serve aos seus leitores.

De facto, para o público amante da arte de pintar ou para quem conhece a cidade de Inhambane, ou mesmo para quem nunca esteve «lá», esta nostalgia de ver ou retorno à península de Inhambane, foi uma oportunidade a não perder.

Ouvimos alguns entendidos na matéria, a afirmarem que Macaúze é o tal que da **Fantasia da paisagem**, vai desaguar em **Missimboni Mabengoni** ou seja **Floresta Sagrada**. Só que ainda de acordo com os críticos, pegado pelo **Capricho**, talvez da própria natureza, para passar **Férias no Paraíso** tem de atravessar um **Naufrágio na Floresta**.

É também desta forma que entendemos, nesta sua segunda exposição individual, que Palmeirim de Jesus Macaúze com o pincel e tela, chapa sdiversas, objectos de barro e de vidro vai narrando a vida na «Vivenda da Sumbi Malaláni», lá em Paindane, distrito de Jangamo, em Inhambane.

Vimos esta tentativa de perpetuar aquele seu «habitat», com angústia, desaventuras, prantos e encantos que vai vitimando garafões, esteiras e outros objectos da natureza morta, «ressuscitando-os» e dando-lhes uma nova maneira de «viver». Aliás, o artista afirma que **as tintas não foram concebidas apenas para pintar casas, são um meio eficaz de comunicação e de belezea.**

Percorro com os olhos todo o salão de festas da ONJ. Observo atentamente os quadros, perco-me na floresta deensa que ora se me apresenta, puxo aquele artista a um canto e peço-lhe que me fale um pouco de si, pois um dia alguém me aconselhara que **só conhecendo o artista é que se pode compreender a sua obra.**

Ele fixa-me intensamente com os olhos nos olhos como que testando o meu grau de assimilação e pausadamente começa a falar:

Nasci em Setembro de 1961 na província de Inhambane. Por capricho da natureza, nasci diferente dos outros, imagina que até aos quatro anos ainda não andava. Os meus pais bateram em todas as portas, desde medicina tradicional até aos hospitais da então Lourenço Marques, tudo em vão... — aponta-me as pernas e prossegue.

Entrei na escola com nove anos e ainda cedo apoixonei-me pela arte nas diferentes formas da sua manifestação, incluindo danças e declamação de poesia. Aos dez anos de idade já me havia mordido esse «bicho» chamado pintura de paisagem».

Afirma que aprendeu sozinho pintava tudo o que a natureza lhe apresentava, desde embondeiros até aos coqueiros, passando, obviamente, pelas águas que ligam Inhambane à Maxixe. Contudo, reconhece que apenas aos 17 anos é que teve um impulso excessivo, **passei a trabalhar 24 sobre 24 horas.**

...É UM REFÚGIO

Interrogo ao artista o que terá provocado essa tanta inspiração, ao que me responde: **na adolescência, o homem experimenta todo o tipo de aventuras e prazeres. Eu estava desde nascença impossibilitado de correr atras do que a mocidade da minha geração ia fazendo. Nisto vi a pintura como único refúgio e a arte como uma melhor forma de perpetuar a existência dos homens na terra,** porque, segundo diz ter aprendido com os mestres da vida, somente os escritores os pintores plásticos e outros artistas em geral é que permanecem vivos toda a eternidade.

Macaúze frisa que andou nisto até quê em 1982, feita a 9.ª classe de Contabilidade na Escola Industrial e Comercial Eduardo Mondlane, em Inhambane, embarcou para a caiptal do País onde no ano de 1986 concluíu com bom aproveitamento, o curso médio aduaneiro no Instituto Comercial de Maputo. Em seguida foi colocado no Ministério dos Transportes e Comunicações desempenhando as suas funções, até ao momento, na Empresa Moçambicana de Navegação NAVIQUE. **Esta segunda exposição é graças à força da minha empresa** — sublinhou.

Volto a insistir ao nosso entrevistado se até hoje, para ele, a arte continua a ser um refúgio e uma forma de não se morrer. Macaúze, sempre calmo, sorri e diz que **aquilo é como se fosse um cigarro, eu não bebo nem fumo, mas tenho um terrível vício que é de pintar a natureza nas suas diferentes formas paisagísticas.**

O nosso interlocutor define a arte como toda a manifestação cultural dos homens como a maneira de se comportarem, a forma de se vestireem, etc. No entanto defende que há arte espcífica que é aquela em que em cada 500 pessoas apenas uma é que reúne esse dom natural e **é esta pessoa que consegue dizer representar ou escrever o que a maioria quer e gosta.**

Sobre o futuro, Palmeirim Macaúze mostra-se cauteloso e afirma que vai continuar a trabalhar arduamente na pintura, como aliás, o tem feito até aqui, mantendo contactos permanentes com homens de arte como Malangatana, Chissano Samate e outros velhos batidos nas artes plásticas.

Com um pouco de sorte, um dia penso em formar-me em Belas Artes para poder ter uma base científica daquilo que faço — disse a terminar.

Orlando Muchanga